



Santos cidade criativa do cinema: A experiência de (trans)formação urbana e cidadã do Cinescola Querô

Isabel de Freitas Paula¹
Maria de Fátima Rodrigues Makiuchi²

-
- 1 Mestre em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: belfpaula@gmail.com.
 - 2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI) da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela UnB. E-mail: fatima.makiuchi@gmail.com

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa sobre a influência da cultura no desenvolvimento urbano sustentável de uma cidade brasileira da Rede de Cidades Criativas da UNESCO (RCCU) – UNESCO Creative Cities Network (UCCN). Por meio de um estudo sobre o Cinescola Querô, principal iniciativa do Plano de Ação 2016–2019 de Santos (SP), Cidade Criativa do Cinema, analisamos como o projeto de formação de jovens de baixa renda em audiovisual para ingresso no mercado de trabalho, realizado em área de alta vulnerabilidade social e degradação urbana, tornou-se política pública integrada a um modelo de gestão municipal ancorado na economia criativa. O estudo sugere a ampliação do conceito de **cidade criativa** no Brasil para além da economia criativa, associando-o a um processo mais humano, inclusivo e libertador, que valoriza a cultura local, a cidadania e o direito à cidade.

Palavras-chave: *Cidade criativa. Rede de Cidades Criativas da UNESCO. Economia criativa. Cinema. Desenvolvimento urbano sustentável.*

ABSTRACT

This paper discusses the results of a study concerning the influence of culture on the sustainable urban development of a Brazilian city that is part of UNESCO's Creative Cities Network (UCCN). By studying Cinescola Querô, the main initiative of the Action Plan for 2016–2019 of Santos (SP), a creative city for films, we analyzed how the project of training low-income young people to work in the audiovisual field implemented in an area of high social vulnerability and urban degradation became a public policy integrated with a municipal management model based on creative economy. The results suggest expanding the concept of a creative city in Brazil to go beyond that of creative economy, associating it with a more humane, inclusive and liberating process that values local culture, citizenship, and the right to the city.

Keywords: *Creative City. UNESCO Creative Cities Network. Creative Economy. Film. Sustainable Urban Development.*

INTRODUÇÃO

A contribuição fundamental da cultura e da criatividade para o desenvolvimento urbano sustentável é tema de amplo debate nos fóruns internacionais, especialmente em instituições como a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que tem a cultura no centro de seu mandato. Durante as últimas décadas, a agência da ONU vem empreendendo esforços no sentido de sensibilizar os países-membros para a relevância, tanto em termos econômicos quanto sociais, da inserção da cultura nos planos de desenvolvimento urbano sustentável, em níveis nacional e local, como forma de promover cidades mais humanas, inclusivas e sustentáveis.

Uma das principais estratégias de indução ao desenvolvimento da cultura no ambiente urbano foi a criação, em 2004, da Rede de Cidades Criativas da UNESCO (RCCU), que, a cada dois anos, seleciona cidades destacadas em todo o mundo por ancorarem suas políticas urbanas na criatividade e no talento de seus moradores, fomentando a inovação e o empreendedorismo criativo. Há, no entanto, certa desconfiança quanto à efetividade das cidades criativas enquanto agentes de mudança da realidade econômica e

social, sendo o título de “**Cidade criativa**” muitas vezes criticado como mera chancela ou grife utilizadas para fins de marketing. Este artigo, decorrente de uma pesquisa de mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional pela Universidade de Brasília (UnB) analisa, a partir de um caso concreto no território, como se deu a implementação do plano de uma cidade criativa brasileira e sua contribuição para o desenvolvimento urbano sustentável com transformação social e inclusão. O objeto central é o Cinescola Querô, projeto do Plano de Ação de Santos, em São Paulo, na RCCU para promover a regeneração urbana na região do Mercado Central, território degradado e de alta vulnerabilidade social e a capacitação e o ingresso no mercado de trabalho de jovens de baixa renda de escolas públicas em bairros periféricos. A formação em audiovisual na periferia parece ter sido o embrião do processo de desenvolvimento do cinema em Santos, que culminou na sua seleção como **Cidade Criativa do Cinema** da RCCU em 2015. A produção do longa-metragem *Querô* com jovens da comunidade local, a partir de 2005, e a criação das oficinas Querô estão na origem do que, 10 anos depois, redundaria na proposta de candidatura à Rede e na incorporação do projeto como política pública municipal.

O estudo averiguou como a cultura, em especial o cinema, foi colocada no centro da gestão pública municipal, sendo fio condutor do processo de desenvolvimento urbano sustentável, procurando responder às seguintes questões: quais as mudanças implementadas pela gestão municipal de Santos para o fortalecimento da economia criativa na **Cidade Criativa do Cinema**?; como o cinema contribuiu para o processo de desenvolvimento urbano sustentável?; qual a importância do Cinescola Querô na promoção do setor criativo do cinema e na candidatura de Santos à RCCU?; e como a escola de cinema na periferia induziu o processo de transformação social e cidadã?

A expectativa é que o estudo possa contribuir para um melhor entendimento sobre o poder transformador da cultura quando inserida em planos de desenvolvimento de metrópoles, cidades médias ou pequenas.

CIDADE CRIATIVA: MUITO ALÉM DA ECONOMIA E DA CRIATIVIDADE

O conceito de cidade criativa surgiu em um contexto global de busca por alternativas de desenvolvimento que pudessem ajudar a superar a falência do modelo de cidade industrial e pós-industrial, cujos problemas culminaram em crise urbana de grandes proporções. O esvaziamento das áreas centrais das cidades industriais, o aumento da população urbana, o desemprego e a fuga de capital (VIVANT, 2012), aliados ao fenômeno da globalização e ao uso das novas tecnologias de comunicação e informação, foram fatores determinantes para o desabrochar das cidades criativas.

Diante das demandas por regeneração urbana e abertura de novos empregos, uma economia baseada no conhecimento, na inovação e na criatividade, características fundamentais de uma cidade criativa, passou a ser foco de atenção para um modelo de desenvolvimento mais sustentável. A cidade criativa assume, portanto, um lugar privilegiado para ajudar a solucionar problemas complexos de maneira inovadora.

Jordi Pardo, gestor espanhol que participou do Plano Estratégico de Cultura de Barcelona, salienta que o mundo não está enfrentando apenas uma crise econômica global, mas uma mudança de paradigmas para enfrentar desafios ambientais, demográficos e culturais de um modelo de desenvolvimento baseado no crescimento quantitativo. Para Pardo (2011) a criação de poder, riqueza, prosperidade e o acesso à felicidade estão agora relacionados a novos modelos de desenvolvimento, baseados em aspectos qualitativos, presentes na cidade criativa:

No início do século XXI, uma cidade criativa é um sistema social, cultural e econômico de natureza urbana, no qual a criação de oportunidades, prosperidade e riqueza está baseada na habilidade de gerar valor com a força das ideias, informação, conhecimento e talento. (PARDO, 2011, p. 88)

As ideias propulsoras do fenômeno das cidades criativas nasceram nos anos 1980, quando eclodiu nos Estados Unidos um movimento da classe artística para provar o valor econômico de suas atividades, mas só na década seguinte o conceito foi popularizado. Em 1994, a Austrália lança a política cultural Creative Nation com ênfase na abertura do país para o mundo e na valorização de seu multiculturalismo. Em 1995, é lançada a publicação *The creative city*, de autoria de Charles Landry e Franco Bianchini, e, em 2003, *The creative city: a toolkit for urban innovators* é publicado por Landry, popularizando, assim, o conceito de cidade criativa. O governo britânico de Tony Blair também dá um importante impulso ao tema ao lançar um programa multissetorial de desenvolvimento com foco na criatividade, consolidado na publicação *Creative Britain* (SMITH, 1998).

O conceito de cidade criativa, ainda em construção e um tanto controverso, enfrenta desgastes por conta de seu uso exagerado, muitas vezes com fins de marketing e promoção da imagem estética das cidades. Leitão (2015, p. 66) argumenta que as cidades criativas que recebem títulos de governos ou organizações governamentais “são exemplos de apropriação das cidades pelo capitalismo estético e sua sedução consumista e hedonista”.

Richard Florida (2004), teórico norte-americano do urbanismo, com atividade acadêmica associada à área de economia urbana, classifica a cidade criativa como aquela com maior concentração de pessoas que exercem profissões focadas na criatividade individual e na qual se destacam os chamados 3Ts: **talento**, número de pessoas que terminaram o ensino superior e mestrado; **tecnologia**, número

de diplomas técnicos; e **tolerância**, indicador que contempla diversidade, presença da comunidade gay na população e boêmia artística urbana.

Vivant (2012, p. 16) alerta, porém, que “inúmeras municipalidades recorrem a Richard Florida, que geralmente lhes propõe transformar parte do centro da cidade ou determinados bairros deteriorados em lugares *cool*, favoráveis à inovação”. Isto estaria provocando o processo de “gentrificação”, ou seja, a expulsão dos tradicionais habitantes que deram início à transformação da região, e de reprodução das paisagens urbanas, dificultando a distinção entre bairros revitalizados de uma cidade e de outra.

As controvérsias em torno do que seria a cidade criativa deixam claro a inexistência de um conceito definitivo. Enquanto Landry (2013) aponta os 3Cs como chaves para o desenvolvimento das cidades criativas – **cultura**, como identidade da cidade, seu patrimônio, seu passado e projeção de futuro; **comunicação**, compreendida pelos modelos de aproximação físicos e tecnológicos dos seus moradores e redução de conflitos e distanciamentos; e **cooperação**, no sentido da diversidade –, no Brasil Reis (2011) defende que, independentemente de sua história, condição socioeconômica e tamanho, em uma cidade criativa há predominância de três características: **inovações, conexões e cultura**.

Reis (2010, p. 22) também apresenta uma noção mais ampliada de cidade criativa:

se a economia delinea a forma e a veia da cidade (basta pensar na relação entre economia industrial e cidade industrial), seria reducionista afirmar que cidade criativa é uma na qual prevalece a economia criativa. Para apreender a complexidade de uma cidade, é necessário revelar suas dinâmicas, relações e estruturas e identificar o que transforma a criatividade em alavanca de benefícios sociais, culturais e econômicos reais, entendendo desenvolvimento de forma mais ampla.

Embora o termo “cidade criativa” tenha nascido na trilha da “economia criativa”, conceito popularizado por Howkins (2001), concordamos que não se pode reduzi-la a uma relação entre espaço urbano e indústrias criativas. Para ser criativa, uma cidade precisa ir além da economia criativa, propiciando um ambiente libertador e humano, onde as pessoas possam usufruir do direito à cidade e de seus direitos culturais. Cabe aqui pensar a cidade, em primeiro lugar, a partir da sua dimensão humana, sem a qual, defendemos, ela não pode ser criativa.

Em seu conhecido livro *O direito à cidade*, lançado não à toa no calor das manifestações em defesa de direitos nas ruas de Paris em 1968, Henri Léfèbvre (2001, p. 64) define a cidade como “a projeção da sociedade sobre o terreno” e “uma realidade presente, um dado prático, sensível e arquitetural” (LÉFÈBVRE, 2001, p. 57). Em *A revolução urbana*, de 1970, em relação ao urbano afirma que “é uma forma pura: o ponto de encontro, o lugar de reunião, a simultaneidade” e que, portanto, “não o vemos”. (LÉFÈBVRE, 2004, p. 159) Tanto em Léfèbvre quanto na obra do geógrafo brasileiro Milton Santos aparece a crítica ao modelo de cidade criado a partir do processo de industrialização e de disseminação do capitalismo, que provoca a segregação socioeconômica e a apropriação desigual do espaço público. A cidade oriunda do capitalismo semeia polos de pobreza, denuncia Santos (1994). Nesse sentido, cabe destacar o direito à cidade enquanto direito de cada cidadão aos benefícios da vida urbana nesse lugar concreto, por onde circula tanto capital quanto pessoas.

David Harvey (2013, p. 74) sugere que “a liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmos” é “um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados”:

A questão de que tipo de cidade queremos não pode ser divorciada do tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos que desejamos. O direito à cidade está muito longe da

liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. (HARVEY, 2013, p. 74)

A chance de uma cidade tornar-se de fato criativa e desenvolvida, a partir dessa compreensão da sua dimensão social, tem uma relação direta com o quanto ela utiliza a seu favor os recursos próprios e únicos locais, os quais revelam a sua singularidade e excepcionalidade. Nesse sentido, é importante lembrar, no caso do Brasil, a relevância do pensamento de Celso Furtado sobre um novo desenvolvimento, baseado na “diversidade cultural regional brasileira”, ou seja, nos saberes locais da população de diferentes regiões, capaz de alavancar um crescimento econômico endógeno e inclusivo. Para o autor, a “política de desenvolvimento deve ser posta a serviço do processo de enriquecimento cultural” (FURTADO, 1984, p. 32).

A REDE DE CIDADES CRIATIVAS DA UNESCO (RCCU)

Na base dos esforços internacionais para fortalecer a cultura como motor do desenvolvimento urbano sustentável está a Rede de Cidades Criativas da UNESCO (RCCU). Criada em 2004 para estimular a cooperação entre as cidades que identificam a cultura como fator estratégico para o desenvolvimento, a Rede reunia, em 2018, 180 cidades de 72 países. São cidades que trabalham em conjunto para colocar a criatividade e as indústrias criativas no centro do planejamento e desenvolvimento urbano, além de contribuir com a troca de experiências e cooperação em âmbito internacional.

A Rede se propõe a criar as fundações para a construção de novas estratégias, com foco na criatividade, que promovam inclusão e coesão social, sustentabilidade e bem-estar dos cidadãos. Ao ingressarem na Rede as cidades comprometem-se a: fortalecer a cooperação internacional; apoiar a criação, produção, distribuição e disseminação de atividades, bens e serviços culturais; desenvolver polos de criatividade e inovação e ampliar as oportunidades para

profissionais do setor cultural; melhorar o acesso e a participação na vida cultural, especialmente para grupos vulneráveis; e integrar a cultura e a criatividade nos planos de desenvolvimento local (UNESCO, 2017).

Como parte do processo de candidatura, que ocorre a cada dois anos, em um dos sete campos criativos da Rede – Artesanato e Artes Populares, Artes Midiáticas, Cinema, *Design*, Gastronomia, Literatura e Música –, cada prefeitura apresenta um plano de quatro anos para desenvolvimento da cultura, construído de forma participativa. Entre as 180 cidades da RCCU (dados da UNESCO até 2018), oito estão localizadas no Brasil: Curitiba (*design*), Florianópolis (gastronomia), Salvador (música), Belém (gastronomia), Santos (cinema), Brasília (*design*), João Pessoa (Artesanato) e Paraty (gastronomia).

SANTOS, CIDADE CRIATIVA DO CINEMA

Em 2015, Santos entrou para o pequeno grupo mundial composto por oito cidades criativas do cinema, sendo a única das Américas na RCCU. A opção pela candidatura no setor criativo do cinema se deve a um ambiente favorável historicamente ao desenvolvimento do audiovisual. Com um patrimônio arquitetônico e histórico de 472 anos preservado, infraestrutura urbana e hoteleira e bom quadro de profissionais de audiovisual, a cidade atrai produções nacionais e internacionais.

A tradição local na área de cinema começou em 1897 com a exibição de *Fotografia Animada*, no recreio do Miramar, no Boqueirão. O primeiro cinema, Cine Moderno, foi inaugurado em 1909 e, na década de 1930, Santos tornou-se a cidade brasileira com o maior número de salas por habitante. Em 2015, reunia 25 salas de cinema, 16 produtoras, cinco coletivos de audiovisual, 1.500 pessoas atuando direta ou indiretamente no mercado cinematográfico e realizava mais de 100 produtos audiovisuais ao ano.

A cidade fortaleceu sua produção audiovisual ao lançar, em 2002, o Festival Curta Santos, catalisador da produção cinematográfica universitária e independente. Também foram criados cursos de graduação em audiovisual, além das Oficinas Querô, oferecidas gratuitamente a jovens de escolas públicas e de baixa renda familiar, com o objetivo de inseri-los no mercado de trabalho.

Reconhecida pelo alto padrão de qualidade de vida e de segurança, além de riquezas econômicas, culturais e naturais, Santos é uma das 40 cidades mais ricas do país e recebe 5 milhões de turistas por ano. O município apresenta, no entanto, expressivos contrastes sociais e econômicos: tem excelentes indicadores, como o Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 7 bilhões e IDHM alto (0,840), segundo dados da Prefeitura de 2013, mas também zonas de alta vulnerabilidade social, onde parte da população vive em condições precárias.

Conforme indica Santos (2018), há três principais regiões de vulnerabilidade na cidade: (1) Morros, onde há moradias em áreas de risco; (2) Zona Noroeste, onde prevalecem habitações em palafitas sem saneamento básico; e (3) Região do Mercado Central, abrangendo os bairros Vila Nova e Centro Paquetá, nos quais se concentram moradias multifamiliares em cortiços e problemas sociais associados à pobreza, prostituição e uso de drogas. Essas regiões vêm sendo objeto de atenção central do governo para uma espécie de “acupuntura urbana”, ou seja, “pequenas intervenções, tais como agulhadas da tradicional técnica de terapia chinesa, que podem gerar resultados transformadores” em áreas mais vulneráveis. (LERNER, 2011 *apud* SANTOS, 2018, p. 5).

A fim de promover desenvolvimento urbano sustentável com crescimento econômico e inclusão social, a Prefeitura de Santos decidiu colocar a economia criativa no centro do planejamento da revitalização urbana de áreas degradadas e como princípio norteador da gestão municipal. Em 2015, foi elaborado um novo Plano Diretor de Desenvolvimento e Expansão Urbana do Município de Santos/ Lei Complementar Municipal n° 1.005 (SANTOS, 2018a), que

estabelece a gestão democrática e o direito à cidade em seu artigo 3º, e alterou-se a Lei de Uso e Ocupação do Solo/Lei Complementar Municipal n° 1.006 (SANTOS, 2018b).

As medidas implementadas pela gestão municipal após o ingresso de Santos na RCCU respondem à primeira pergunta que a pesquisa procurou elucidar: quais as mudanças implementadas pela gestão municipal de Santos para o fortalecimento da economia criativa na **Cidade Criativa do Cinema**? Tais transformações se concentram em duas frentes: (1) **Vilas Criativas** – centros culturais com instalações e equipamentos modernos criados para convivência social, nos quais são oferecidos cursos de qualificação profissional e de formação artística e cultural nas áreas da economia criativa, de forma a abrir oportunidades de trabalho, geração de renda e acesso inclusivo a serviços públicos. Construídas nos bairros com mais baixo IDH, as sete Vilas Criativas oferecem oficinas de qualificação em padaria, moda e beleza, cinema, música, artesanato e atividades culturais e de convívio social para a comunidade: Vila Criativa Zona Noroeste (artesanato e gastronomia); Vila Criativa Morros (*design*-moda e artesanato); Vila Criativa do Mercado (artesanato e gastronomia); Vila Criativa Caruara (gastronomia e artesanato); Vila Criativa Progresso (padaria artesanal); Vila Criativa Penha (padaria); e Vila Criativa Vila Nova (padaria artesanal e capacitação em audiovisual); (2) **Distritos criativos** – a partir do novo ordenamento do uso e da ocupação do solo para fins urbanos foram criadas Zonas de Uso Especial com normas próprias e incentivos fiscais, priorizando ações de mobilidade urbana, lazer, cultura, esporte e turismo, bem como Áreas de Proteção Cultural do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade.

São três os distritos criativos: (1) **Valongo** – destinado à implantação de um parque, recuperação de armazéns e articulação de usos compatíveis com a economia criativa, especialmente a gastronomia, o lazer, o turismo e a cultura; (2) **Paquetá** – território para impulsionamento da economia criativa, sobretudo audiovisual e *design*,

e preservação do patrimônio; e (3) **Mercado** – áreas públicas na região da Bacia do Mercado, onde se busca impulsionar o turismo e implementar um polo de desenvolvimento da economia criativa (artesanato e gastronomia). O Mercado Criativo passará por reformulação arquitetônica em aço e redefinição de usos.

CINESCOLA QUERÔ: O IMPACTO DO CINEMA NA CIDADE CRIATIVA

A história do Instituto Querô, que pavimentou o caminho do Cinescola, começa em 2006, com o lançamento do filme *Querô*, inspirado no romance “Querô, uma reportagem maldita”, do escritor, jornalista, ator e diretor santista Plínio Marcos (1976). O filme narra a história de violência e abandono do menino Querô, diminutivo de querosene, em uma alusão ao produto utilizado pela mãe prostituta ao se suicidar. Dirigido por Carlos Cortez e protagonizado por jovens santistas de baixa renda, selecionados como atores e técnicos de produção, o longa-metragem se passa nas “quebradas” de Santos, onde meninos e meninas excluídos enfrentam situações de violência e marginalidade.

Ao final das gravações, diante da falta de oportunidades para os jovens das “quebradas” santistas que tiveram a experiência transformadora de atuação no filme, a então produtora de elenco Tammy Weiss, responsável pelo processo de seleção com 500 candidatos, ao lado do diretor Carlos Cortez e Débora Ivanov criaram o Instituto Querô, uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Desde 2007, o Instituto realiza as oficinas Querô em audiovisual a fim de promover o acesso à cultura, à transformação cidadã, revelando talentos, estimulando o empreendedorismo e ampliando a oportunidade de acesso de jovens de baixa renda ao mundo do trabalho. Em 12 anos foram mais de 400 jovens capacitados, 108 produções audiovisuais realizadas e 55 prêmios conquistados.

A ideia de construir um cinescola em um dos galpões abandonados, ao lado do Mercado Central, no bairro Vila Nova, foi apresentada à Prefeitura, em 2009, por Tammy Weiss. O projeto de revitalização de um dos galpões abandonados, feito pelo arquiteto santista José Maria Macedo, contribuiria para um processo maior de ressignificação da região do Mercado Central, proposta em total sintonia com os princípios de uma cidade criativa, mesmo que não houvesse então tal compreensão.

O cinescola sonhado teria sala de cinema, salas de produção e estúdio de edição, tudo vinculado à produção audiovisual por jovens de baixa renda de escolas públicas e ao acesso inclusivo da população à cultura. Tanto a Prefeitura quanto o Instituto empreenderam esforços para concretizar a ideia, que, entretanto, mostrou-se inviável devido ao alto custo da obra.

Em 2015, na candidatura à RCCU, Santos propõe, como um dos objetivos locais e compromisso de política pública, “a construção de uma ampla e espaçosa estrutura contemporânea com um cinema de 120 lugares para a comunidade e salas onde possam ser ministradas aulas para jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social” (SANTOS, 2015, p. 11). O plano de construir um equipamento icônico – elemento considerado por Landry (2013) como uma das características vitais presentes nas cidades criativas, seja ele parte do patrimônio histórico antigo ou um novo prédio –, no entanto, esbarra de novo em dificuldades financeiras devido ao custo elevado da obra, que, em valor atualizado, poderia chegar a R\$ 20 milhões.

Assim, a principal proposta da cidade à RCCU, em âmbito local, não se concretiza da forma planejada, mas serve de impulso para um processo amplo de desenvolvimento urbano sustentável da Região do Mercado Central. O que seria um problema foi resolvido, de forma criativa, a partir de uma parceria entre a Prefeitura e o Instituto Querô, que resultou na instalação do Cinescola, em 2018, na Vila Criativa Vila Nova, equipamento cultural igualmente

icônico da Prefeitura com cinema público para 65 pessoas e tecnologia digital de última geração.

O galpão degradado, onde funcionaria o Cinescola Querô, sofreu adaptações de baixo custo e passou a abrigar a Ecofábrica Criativa, escola de marcenaria ecológica onde madeiras descartadas são reaproveitadas por empreendedores criativos e tornam-se móveis e objetos de decoração. Desenvolvida pelo Fundo Social de Solidariedade e o Club Design de Santos, a Ecofábrica conta com o apoio de *designers* e arquitetos em projetos de mobiliário e decoração. Premiada na categoria Social Impact Prize, pelo Instituto alemão IF World Design, Oscar do *Design* Mundial, a Ecofábrica capacitou, em 2017, oitenta alunos e reaproveitou três toneladas de madeira.

A primeira constatação da pesquisa, portanto, é que a tarefa de promover a regeneração urbana em uma cidade criativa é complexa e desafiadora, exigindo vontade política, união de esforços e criatividade. No caso em questão, foram encontradas alternativas utilizando os recursos locais e os ativos criativos da própria cidade, bem como parceria entre o setor público, uma organização não governamental, a iniciativa privada e profissionais da chamada “classe criativa” (FLORIDA, 2000), como arquitetos, *designers* e cineastas.

Outro aspecto relevante detectado se refere à ampliação do acesso à população de baixa renda ao cinema, tendo sido dobrado o número de salas públicas na cidade com a instalação de três unidades nas Vilas Criativas: uma na região dos cortiços no centro, uma na Zona Noroeste, que abriga quinze bairros periféricos, e outra no Morro da Penha, o mais alto e de difícil acesso.

(TRANS)FORMAÇÃO HUMANA E CIDADÃ E INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO POR MEIO DO CINEMA

O Cinescola Querô traz em seu DNA a preocupação central com a vida e o futuro de jovens moradores de regiões periféricas, de

baixa renda familiar e estudantes de escolas públicas com idade entre catorze e dezoito anos. O trabalho envolve formação cidadã, incluindo atividades que elevam a autoestima, o sentido de pertencimento, a empatia, a compreensão das diferenças, passando pela capacitação em arte-educação para atuação nas comunidades e escolas da periferia, até chegar à capacitação técnica para produção de filmes e documentários, que é a ponte para o ingresso no mercado de trabalho.

A partir de entrevistas realizadas com professores e egressos, é possível constatar o caráter humano do projeto e a aposta no poder transformador do cinema para reconstruir vidas, resgatar talentos e despertar a criatividade de cada jovem em um processo de crescimento individual e coletivo, ancorado em uma visão positiva de futuro.

Ao longo do primeiro ano, o grupo selecionado tem aulas de segunda a sexta-feira com profissionais de cinema convidados, com quem produzem filmes de curta-metragem. No mês de dezembro, é feita uma grande estreia no cinema, para a qual são convidados familiares, amigos, patrocinadores, na qual os jovens têm oportunidade de apresentar seus filmes. O processo de formação humana envolve diálogos sobre temas sociais e um projeto especial no qual os alunos se relacionam com as diferenças. A partir daí buscam projetos sociais para entender como podem fazer a diferença positiva na cidade com uma produção audiovisual.

No segundo ano de formação, vinte jovens formados no primeiro ano iniciam a formação técnica para o mercado de trabalho e uma capacitação como arte-educadores, prestando serviços em oficinas de produção audiovisual. Nessa fase, os arte-educadores trabalham em dois projetos sociais relevantes: o Projeto Querô na Escola, por meio do qual ensinam audiovisual para alunos de oitavo ano de escolas públicas, atendendo mil alunos por ano em Santos e Cubatão; e o Querô Comunidade, um trabalho de intervenção em um bairro periférico para produção de um curta-metragem que ajude os moradores a pensarem soluções para seus problemas e desafios.

A partir do terceiro ano, os estudantes já formados começam a trabalhar em atividades remuneradas com a produtora social Querô Filmes e outras empresas santistas e de fora que atuam nas áreas de cinema e publicidade.

Com base na análise do trabalho desenvolvido pelo Cinescola Querô em 2016, 2017 e 2018, foi possível compreender quais são as contribuições da escola de cinema da periferia para o impulsionamento do desenvolvimento urbano sustentável e responder à questão: Como uma escola de cinema na periferia pode induzir o processo de transformação social e cidadã?

O ano de 2016, aniversário de dez anos das Oficinas Querô, registrou recorde histórico no número de inscritos: 735 jovens (o dobro de 2015, quando foram registrados 368 interessados). Os 45 selecionados tiveram nesse ano 600 horas de aulas introdutórias de audiovisual e formação cidadã. Dos onze projetos apresentados pelos jovens para produção, dois foram selecionados para gravação: *Unidos* e *Azuis*. Foram ainda selecionados dezesseis jovens que mais se destacaram para a chamada “experimentação do mundo do trabalho”, com aulas de empreendedorismo e audiovisual no Centro Universitário São Judas Tadeu – Campus Unimonte, além da oportunidade de trabalho em projetos da Querô Filmes e outras produtoras.

A luta pela igualdade racial e a ampliação do diálogo sobre o espaço dos negros no cinema esteve no centro do trabalho desenvolvido em 2017, tendo como resultados a produção do curta-metragem ficcional *Ana* e do curta-metragem documental *Estigma*. Outro importante avanço foi a oficialização da Formação Continuada, projeto de incubadora profissional do Instituto Querô voltado para colocação dos jovens no mundo do trabalho audiovisual. A produção de trabalhos audiovisuais por 29 jovens – vinte vídeos para doze clientes – são um indicador importante do acesso ao mercado de trabalho, um dos objetivos locais do Plano de Santos. Em 2018, o Cinescola Querô foi inaugurado na Vila Criativa Vila Nova, onde os

moradores passaram a frequentar as Sessões Pipoca. No ano foram exibidos seis filmes para 295 espectadores. Foi ainda lançado o primeiro longa-metragem do Querô, *Sócrates*, que recebeu quatro prêmios internacionais e seis nacionais, além de indicações para o Independent Spirit Awards, Oscar do Cinema Independente.

A arte é uma coisa devastadora, ela vem e te muda muito! Você passa a conseguir conviver, a entender a arte, consegue falar de cinema, de Oscar com outras pessoas. É perceptível o quanto uma mina ou menino do curso evolui de cara. E o lance que eu acho mais legal de tudo é ele ver que a cidade é de cada pessoa, e que os jovens podem ir a todos os cantos. O menino que vai conhecer a universidade, um estúdio já se imagina quatro anos depois lá dentro. Isso já transforma a vida. (Nildo Ferreira da Silva, ex-aluno, informação verbal, 2019)

A fala do egresso, que usa a palavra “devastadora” no sentido positivo e exagerado de um jovem que viveu a transformação desde o filme *Querô*, em 2005, aos 15 anos de idade, até hoje como um requisitado profissional de cinema, resume bem a força da experiência de quem passa pelas Oficinas Querô. Outro aspecto relevante abordado pelo egresso é o exercício de cidadania do jovem do morro que passa a reconhecer a cidade como sua e o espaço da universidade como seu também.

Em termos de acesso ao mercado de trabalho, os dados de 2018 mostram uma evolução considerável em comparação com 2017. Em 2018, os jovens profissionais produziram 63 vídeos, entre projetos institucionais e coberturas de eventos, somando 371 horas de trabalho. No ano anterior foram produzidos vinte vídeos, menos de um terço de 2018, em 150 horas de trabalho.

Conforme questionário de satisfação, 80% dos alunos que passaram pelo Cinescola Querô afirmam ter interesse em continuar trabalhando na área de audiovisual, o que demonstra como o curso ajuda a nortear os jovens profissionalmente. Acompanhamento

realizado pelo Instituto Querô, entre 2011 e 2019, revela ainda que 97 alunos passaram no vestibular para cursos universitários, sendo 32 deles na área de cinema. Durante os doze anos de atuação do Cinescola Querô mais de quatrocentos jovens foram capacitados, 150 deles trabalhando no setor de audiovisual, que realizaram, só no Instituto Querô, 108 produções audiovisuais e conquistaram 55 prêmios nos principais festivais nacionais e internacionais.

CONCLUSÕES

Na contramão da visão reducionista de cidades criativas como ambientes urbanos ancorados na economia da cultura, a pesquisa sobre Santos traz como principal contribuição uma perspectiva mais alargada de tal conceito com base na realidade de uma cidade brasileira. Embora tenha no centro de sua política pública a economia criativa, com foco no cinema, a cidade parece estar se fortalecendo, sobretudo, pelo poder de transformação a partir de uma “acupuntura urbana” (LERNER, 2011 *apud* SANTOS, 2018) que valoriza os potenciais únicos culturais do seu território e a inclusão social de seus moradores. Uma gestão fundamentada na “diversidade cultural regional brasileira” que, como defende Furtado (1984), pode alavancar o crescimento econômico endógeno inclusivo.

O caso de Santos demonstra que o desenvolvimento urbano sustentável de base cultural depende da parceria concertada entre Estado, organizações não governamentais, empresas e sociedade. A estratégia da Prefeitura Municipal de se associar a uma Oscip e transformar as Oficinas Querô em política pública, instalando o Cinescola em equipamento cultural em área degradada e com população vulnerável é um exemplo de como promover inclusão social e, ao mesmo tempo, revitalizar ambientes urbanos em bairros periféricos. Esse caminho aponta uma possível saída para outras cidades brasileiras que enfrentam desafios urbanos e sociais semelhantes.

O processo de desenvolvimento do cinema em Santos abriu a possibilidade de apropriação dos espaços públicos pelos jovens de

comunidades periféricas, propiciando mais participação na vida cultural urbana. Dessa forma, remetendo a Léfèbvre (2001), Harvey (2013) e Santos (1994), o direito à cidade vem sendo ampliado nos chamados polos de pobreza com a oferta de cinema de qualidade à população, de novas oportunidades aos jovens; de formação técnica em universidades locais parceiras e de produção audiovisual em diferentes bairros, ajudando na solução de problemas urbanos denunciados em documentários e vídeos. O projeto beneficia ainda estudantes da rede pública de ensino e de outros projetos sociais por meio de oficinas de arte-educação ministradas por jovens do Querô. Um bom exemplo de como o cinema vem ajudando a impulsionar o desenvolvimento urbano sustentável em Santos foi o projeto realizado pelo Cinescola, em 2018, no bairro Saboó, sobre o tema alagamento, problema com o qual os moradores convivem há 30 anos. Após ouvir especialistas no tema e moradores que perderam suas casas em temporais, os alunos do Querô produziram o documentário *Ilha do Saboó*, abrindo um debate sobre a necessidade de ações do poder público para melhorar as condições urbanas e de moradia. A pesquisa permitiu concluir que o que confere o caráter de cidade criativa a um lugar não é a obtenção de um título ou o ingresso em uma rede internacional, embora esta seja uma estratégia indutora importante, mas sim o trabalho contínuo de construção de capacidades, formação humana e profissional com inclusão social, despertando os talentos criativos e abrindo novas oportunidades de inovação, conexões, geração de negócios criativos, trabalho, renda e felicidade.

No que se refere ao trabalho do Cinescola Querô na periferia santista, foi possível constatar impactos positivos na vida dos jovens tanto em termos de acesso ao mercado de trabalho e ao ensino superior quanto de transformações cidadãs fundamentais para a existência de um ambiente criativo na cidade. Importante destacar o vínculo entre a formação e um novo desenvolvimento libertador e

humano (LEITÃO; GUILHERME; GONDIM, 2017), que vai muito além da economia e da criatividade.

Cabe aqui, portanto, reafirmar o nosso entendimento sobre cidade criativa como aquela que, além de concentrar profissionais criativos e uma indústria criativa pulsante, garante, antes de tudo, direitos aos seus cidadãos, os verdadeiros agentes da criatividade, inventividade e inovação, que são o motor da economia criativa. Nesse sentido, advogamos que a cidade criativa tem como recurso crucial as pessoas e, portanto, ela precisa ser, antes de tudo, inclusiva e humana.

REFERÊNCIAS

- FLORIDA, R. *Cities and the creative class*. London: Routledge, 2004.
- FLORIDA, R. *The rise of the creative class, and how it is transforming work, leisure, community and everyday life*. New York: Basic Books, 2000.
- FURTADO, C. *Cultura e desenvolvimento em épocas de crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HARVEY, D. O direito à cidade. *Revista Piauí*, São Paulo, n. 82, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3eZZiNX>. Acesso em: 22 jul. 2020
- HOWKINS, J. *The creative economy: how people make money from ideas*. London: Penguin, 2001.
- LANDRY, C. *Origens e futuros da cidade criativa*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2013.
- LANDRY, C. *The creative city: a toolkit for urban innovators*. London: Earthscan, 2003.
- LANDRY, C.; BIANCHINI, F. *The creative city*. London: Demos, 1995.
- LÉFÈBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.
- LÉFÈBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEITÃO, C. S. Economia criativa e desenvolvimento. *Revista Será*, Recife, 24 jul. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2BqI5iQ>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- LEITÃO, C. S.; GUILHERME, L. L.; GONDIM, R. V. Fortaleza da desigualdade e da criatividade: reflexões sobre as cidades no século

XXI. In: FIGUEIREDO, J. L.; JESUS, D. S. V. (org.). *Cidades criativas: aspectos setoriais e territoriais*. Rio de Janeiro: E-papers, 2017. (Contextos e pesquisas, 5).

MARCOS, P. *Querô: uma reportagem maldita*. São Paulo: Parma, 1976.

PARDO, J. Gestão e governança nas cidades criativas. In: REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (org.). *Cidades criativas: perspectivas*. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011. p. 84-94. Disponível em: <https://bit.ly/3jvECAy>. Acesso em: 22 jul. 2020.

REIS, A. C. F. *Cidades criativas: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo*. 2011. 312 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

REIS, A. C. F. (org.). *Cidades criativas: soluções inventivas; o papel da copa, das olimpíadas e dos museus internacionais*. São Paulo: Garimpo de Soluções; Recife: Fundarpe, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2ZPbWeb>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SANTOS. Prefeitura. *Formulário de candidatura: Santos, Cidade Criativa do Cinema*. Santos, 2015.

SANTOS. Lei complementar n° 1.005, de 17 de julho de 2018. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento e Expansão Urbana do Município de Santos, e dá outras providências. *Diário Oficial de Santos*, Santos, ano 30, n. 7152, p. 1-39, 2018a. Disponível em: <https://bit.ly/3eSJwUL>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SANTOS. Lei Complementar n° 1.006, de 16 de julho de 2018. Disciplina o ordenamento do uso e da ocupação do solo na área insular do município de Santos, e dá outras providências. *Diário Oficial de Santos*, Santos, ano 30, n. 7152, p. 45-81, 2018b. Disponível em: <https://bit.ly/3fTo2bM>. Acesso em: 22 jul. 2020.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, N. Acupuntura urbana a través de las villas creativas en la ciudad de Santos. In: CONGRESO INTERNACIONAL CIUDADES CREATIVAS, 6., 2018, Orlando. *Actas [...]*. Madrid: Asociación de Comunicación Y Nuevas Tecnologías, 2018. P. 938-964.

SMITH, C. *Creative Britain*. London: Faber & Faber, 1998.

UNESCO – UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. *Applicant's handbook*. Paris: UNESCO, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3ePSO3N>. Acesso em: 22 jul. 2020.

VIVANT, E. *O que é uma cidade criativa?* São Paulo: Editora Senac, 2012.